

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: APROXIMAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA FREIREANA E A PSICANÁLISE FREUDIANA

Data de aceite: 01/12/2023

Claudia Leone

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná

bibliográfica. Das análises efetuadas, foi possível identificar alguns pontos de intersecção entre a pedagogia freiriana e a psicanálise, que podem contribuir para a prática do professor.

PALAVRAS-CHAVE: tendências pedagógicas; psicanálise; pedagogia; aproximações.

RESUMO: A temática relacionando psicanálise e educação não é novidade, uma vez que há muitos trabalhos e estudos nessa delicada intersecção, com aproximações e distanciamentos. Ambas lidam com a difícil tarefa do enlaçamento nas relações humanas e com as diferentes subjetividades advindas da constituição psíquica. Um estudo possível é tentar aproximar o pensamento de Sigmund Freud e de Paulo Freire no que se refere às novas tendências pedagógicas que questionam a posição do professor e da sua função como mestre. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo buscar possíveis contribuições da psicanálise freudiana e da pedagogia freiriana para esse novo cenário com os quais os professores se deparam. O apoio teórico está, fundamentalmente, nas obras de Freire e Freud. Do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa

ABSTRACT: The connection between psychoanalysis and education is not new, since there are many papers and studies on this delicate intersection, with approximations and distances. Both deal with the challenging task of bonding in human relationships and with the different subjectivities that arise from the psychic constitution. A possible study is to try to bring the thinking of Sigmund Freud and Paulo Freire closer to the new pedagogical trends that question the teacher's position and their role as a teacher. In this sense, this article aims to seek contributions from Freudian psychoanalysis and Freirean pedagogy to this new scenario that teachers face. Theoretical support is, fundamentally, in the works of Freire and Freud. From a methodological point of view, this is bibliographic research. From the analyses conducted, it was possible to identify some

points of intersection between Freire's pedagogy and psychoanalysis, which can contribute to the teacher's practice.

KEYWORDS: pedagogical trends; psychoanalysis; pedagogy; approximations.

INTRODUÇÃO

A psicanálise e a educação mantêm um diálogo teórico de longa data, no qual ambas lidam com a difícil tarefa do enlaçamento nas relações humanas e com as diferentes subjetividades advindas da constituição psíquica. A contribuição que uma teoria pode dar à outra é inegável, o que promove o avanço e novos olhares sobre diversos temas que fomentam aproximações e distanciamentos.

Um estudo possível é buscar uma aproximação entre o pensamento de Sigmund Freud e de Paulo Freire como contribuição ao tema das novas tendências pedagógicas que, a partir de um novo cenário social, passaram a questionar o papel do professor e de suas práticas dentro de sala de aula.

Nesse viés, a psicanálise freudiana e a pedagogia freiriana contribuem sobremaneira com a temática das novas tendências pedagógicas, pois trazem uma nova concepção de sujeito e questionam profundamente as relações subjetivas. E promover o questionamento sobre a prática do professor, fundamentada em duas teorias reconhecidamente importantes e revolucionárias, proporciona uma base de sustentação para as adversidades advindas da rotina escolar.

Pautado nessas possibilidades de promover um diálogo e construir uma aproximação, esse estudo toma como base a pesquisa bibliográfica, apoiada nas obras de Freud e Freire como o fundamento de que podem contribuir para a atual prática do professor.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

As mudanças que ocorreram nos últimos 40 anos (abertura para democratização) e os avanços tecnológicos contribuíram para que o papel do professor na sua prática viesse a ser questionado. Velhas posturas verticais, situando o professor como detentor do conhecimento e autoridade máxima em sala de aula, foram gradativamente sendo substituídas por um relacionamento horizontal e democrático. O acesso modificado e facilitado às informações, promovido pelo advento e pela disseminação da internet, promoveu um questionamento sobre o papel que o professor deve desempenhar e sua postura na sala de aula.

Nesse contexto, o tema tendências pedagógicas debate sobre a postura do professor atualmente, ou seja, discute acerca das “diversas teorias filosóficas que pretenderam dar conta da compreensão e da orientação da prática educacional em diversos momentos e circunstâncias da história humana” (Luckesi, 1990, p. 53). A prática escolar está imersa

na cultura e, assim, assimila as suas influências, que são passadas pelo professor ao aluno por meio da sua prática educacional, ou seja, o processo de transmissão realizado pelo professor está profundamente ligado ao seu contexto sócio-histórico. Como explicam Rodrigues *et al.* (2013):

As concepções que norteiam as práticas educativas dos professores estão sustentadas por tendências pedagógicas, que refletem a forma pela qual é compreendido o processo de ensino-aprendizagem. Essas tendências estão relacionadas com os acontecimentos históricos a partir de movimentos sociais e filosóficos. Elas não surgem e desaparecem em determinado momento, mas coexistem na história da educação (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 1).

Segundo Libâneo (1992), as tendências pedagógicas podem ser divididas em liberais e progressistas e elas “não aparecem de forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda riqueza da prática escolar” (Libâneo, 1992, p. 2). O que se considera, portanto, é a predominância de determinadas características que possibilitam inserir as práticas pedagógicas em uma ou outra tendência.

A pedagogia liberal surgiu de um ideal capitalista de predominância da liberdade e dos interesses individuais, em que a escola prepara os indivíduos para o desempenho dos papéis sociais conforme suas aptidões. Essa pedagogia parte do princípio de que os indivíduos precisam adaptar-se às normas vigentes, enfatizando aspectos culturais individuais, porém sem levar em conta a realidade das diferenças de classes. Ou seja, a ênfase pedagógica está no aluno atingir por si só sua realização pessoal. A tendência predominante na pedagogia liberal é a tradicional, pedagogia essa que, segundo Libâneo (1992),

[...] se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual (Libâneo, 1992, p. 2-3).

A escola, na pedagogia liberal, prepara o aluno do quesito intelectual e os conteúdos repassados são os acumulados pelas gerações anteriores e estão distantes do contexto social ao qual o aluno está inserido. A relação professor-aluno é pautada na autoridade da figura do professor e na passividade do aluno. O professor é o detentor do conhecimento, aquele que deve ser recebido pelo aluno de forma passiva e dócil. Os conteúdos são preparados pelo professor numa sequência lógica para que a assimilação do conteúdo, por parte dos alunos, exija uma atitude receptiva e mecânica.

As tendências pedagógicas progressistas, por sua vez, partem de uma análise crítica das realidades sociais, que valorizam a experiência vivida como base para a relação educativa, assim como o antiautoritarismo. Essa posição pedagógica valoriza a relação do sujeito com seu contexto social, fazendo com ele se questione e se aprofunde em sua

relação com a realidade na qual está inserido. A ação pedagógica é valorizada na prática social concreta. Libâneo (1992) entende que, nessa tendência, a escola pratica a “mediação entre o individual e o social, exercendo aí articulação entre transmissão dos conteúdos e assimilação ativa por parte do aluno concreto (inserido num contexto das relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente reelaborado” (Libâneo, 1992, p. 9).

A escola, nessa tendência pedagógica, possui o princípio não formal, porém crítico, ou seja, por meio do questionamento da realidade das relações humanas há a possibilidade de uma transformação do mundo à sua volta.

Assim, quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade onde professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social (Libâneo, 1992, p. 9).

Para a pedagogia progressista, os conteúdos tradicionais não são aceitos, pois a transmissão deles não é realizada de fora para dentro e o importante não é a quantidade de conteúdos transmitidos, mas, sim, a forma como os alunos irão se relacionar com a experiência vivida.

O professor é um animador que, por princípio, deve ‘descer’ ao nível do aluno, adaptando-se às suas características e ao desenvolvimento próprio de cada grupo. Deve caminhar ‘junto’, intervir o mínimo indispensável, embora não se furte, quando necessário, a fornecer uma informação mais sistematizada (Libâneo, 1992, p. 10).

O principal representante da tendência pedagógica progressista é Paulo Freire (1921-1997) que, com sua teoria revolucionária e reconhecida mundialmente, propõe que o conhecimento informativo não é suficiente, pois é necessário que haja uma reflexão crítica acerca da realidade na qual o aluno está inserido. Sua proposta “se baseia na indissociabilidade dos contextos e das histórias de vida na formação de sujeitos, que ocorre por meio do diálogo e da relação entre alunos e professores” (Chiarella *et al.*, 2015, p. 2). Professores e alunos são sujeitos no processo ensino-aprendizagem, ou seja, ambos aprendem e transmitem suas experiências ao buscar a consciência crítica da sua realidade.

O livro *Pedagogia da autonomia*, de Freire (1996), coloca todos esses pontos mencionados acima de forma simples e acessível. O autor intensifica o papel de autonomia que cabe ao aluno, mas que é promovido pelo professor na sua posição de potência e não de mestre. Seu posicionamento é radical ao afirmar que formar é muito mais do que treinar e que a posição ética cabe ao professor, na sua jornada prática formadora.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei possibilidade, amanhã,

de me tornar o falso sujeito da 'formação' do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos dos processos, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 1996, p. 13).

Paulo Freire é reconhecido por sua pedagogia inovadora, na qual questiona profundamente o papel do professor e do aluno na rotina diária do ensinar e aprender. Ele altera radicalmente a hierarquia vertical, na qual o professor ocupa o lugar de mestre, detentor de todo o conhecimento, e o aluno é o objeto a ser modificado e ensinado para seguir um desenvolvimento esperado pela sociedade. O contexto que Freire modifica é estrutural, pois, partindo do princípio de que a escola é a base da estrutura social, ele toca na composição em que está pautado nosso pensamento, demonstrando como é revolucionário seu pensamento. A hierarquia vertical é substituída por uma horizontalidade, na qual os papéis, mesmo diferentes, não são mais de autoridade e submissão, ao contrário, há um diálogo mediado pelo saber que não está mais apenas ao lado do professor. Completa Freire (1997):

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do adulto aprendiz para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos e equívocos (Freire, 1997, p. 19).

A pedagogia freiriana faz um movimento de desalienação em relação à posição de professor e de aluno, ou seja, convoca a todo momento o surgimento, nessa relação, do sujeito da ação. Assim, faz uma leitura crítica do mundo à sua volta, recomendando aos docentes uma capacitação permanente, porque entende que “ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo [e] não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência de fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe” (Freire, 1997, p. 19).

A horizontalização da relação professor-aluno não faz do professor ser o mesmo que o aluno, mas, ao contrário, é de sua responsabilidade, a partir do lugar que ocupa, ensinar o ensinante. Ao professor incumbe questionar-se constantemente sobre sua prática, dentro de um processo ético de responsabilidade. Explica Freire:

Por isso é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulta a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da

No livro “falado” a duas vozes, intitulado *Por uma pedagogia da pergunta*, Paulo Freire e Antonio Fagundes relatam sua experiência em sala de aula, contando que, em contato com os alunos, percebe-se que a hierarquia vertical de mestre-aluno é esperada por eles, uma vez que consideram que “o diálogo é sinal da fraqueza do professor, para eles a modéstia no saber é mostra de fraqueza e ignorância” (Freire & Fagundes, 1985, p. 23). A posição de convocar o aluno para que saia de uma posição alienante e ocupe a posição de sujeito é justamente, para esses dois autores, o lugar que o professor deve ocupar. No mencionado diálogo, os autores complementam:

A curiosidade do estudante às vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que, ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também. Muitas vezes, por outro lado, a pergunta que o aluno, livre para fazê-lo, faz sobre um tema, pode colocar o professor um ângulo diferente, do qual lhe será possível aprofundar mais tarde uma reflexão mais crítica (Freire & Fagundes, 1985, p. 23).

A pedagogia freiriana provoca, portanto, esse repensar a relação professor e aluno, partindo das mudanças sociais advindas de uma época marcada pelo autoritarismo e pela repressão como forma de educar. Ao professor cabia o papel de autoridade inquestionável, sendo considerado o detentor de todo conhecimento a ser transmitido. A horizontalização dessa relação colocou professor e aluno em igualdade, na posição como sujeitos desejantes, em que um influencia o outro durante o processo de ensinar-aprender que estão intimamente ligados.

Nessa nova perspectiva, há importantes semelhanças entre a relação professor-aluno, para a pedagogia, e a relação analista-analisante, para a psicanálise. Dois pontos de intersecção podem ser observados: um que se refere ao fazer emergir um sujeito desejante por meio dessa relação dual, e outro, que considera o posicionamento ético do analista que se assemelha com o discurso de Freire.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Nesse debate a que esse artigo se propõe, são levantados três pontos nos quais há uma intersecção entre pedagogia e psicanálise, pois se faz necessário um recorte como forma de contextualizar duas extensas teorias, assim como a proposta de um diálogo entre ambas. Dessa forma, apresentaremos como o inconsciente está presente na relação professor-aluno, a posição do professor e a posição do analista, bem como a formação do professor e do psicanalista.

A premissa fundamental da psicanálise é a existência de uma divisão subjetiva no sujeito, o Eu e o inconsciente, ou seja, Sigmund Freud (1856-1939) no início do século XX observou, por meio do tratamento que despedia às mulheres internadas nos manicômios de sua época, que algo se manifestava no sujeito por meio dos sonhos, sintomas, atos

falhos e chistes, sem que fosse da sua vontade consciente. Ele não criou o inconsciente, pois esse termo já era utilizado pela filosofia, porém ele o conceitualizou. Podemos dizer que Freud desvelou o que estava recalcado, trazendo o inconsciente à consciência por intermédio de uma nova ciência a que nomeou de Psicanálise.

O direito de supor uma psique inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa hipótese nos é contestado de muitos lados. A isso podemos replicar que a suposição do inconsciente é necessária e legítima, e que possuímos várias provas da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõe, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho. (Freud, 1915, p. 101).

Para Freud, não há como falar de consciência sem pensar no inconsciente, pois existe em nós atos desconexos e incompreensíveis que passam a ser coerentes e demonstráveis se temos a teoria do inconsciente como verdadeira. Para ele, o inconsciente se manifesta mediante atos falhos, sonhos e sintomas, que são nomeados de formações do inconsciente. Todavia não apenas aí há a manifestação de ações para além da consciência, mas também em “pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós” (Freud, 1915, p. 101).

A ação do inconsciente sobre o Eu é a revelia, ou seja, não há controle sobre os atos inconscientes e estes se manifestam sem que haja o consentimento desse Eu. A psicanálise se propõe a revelar o funcionamento inconsciente para aquelas pessoas que estão dispostas a entrar em contato com esse estranho que habita em nós. O inconsciente, assim, é uma premissa universal para a psicanálise, ou seja, em todos os seres de linguagem existe uma relação com o inconsciente, que pode ser de negação na neurose, de forclusão na psicose e de desmentido na perversão.

Então, a psicanálise propõe uma psique dividida, ou seja, consciente e inconsciente estão articulados e fazem emergir o sujeito dividido, aquele que não tem controle absoluto sobre sua morada. Existem ações que o Eu não controla, porém que não deixam de transparecer sua intenção e que muitas vezes não são percebidas pelo próprio sujeito, mas que dizem muito a seu respeito. Somos, então, “sujeitos do desconhecimento, no qual algo sempre escapa à pretensão de controle consciente, como por exemplo, de tudo o que aprendemos” (Maciel, 2005, p. 2).

O professor age sobre o aluno de forma muito mais inconsciente do que consciente, portanto, o professor é muito mais do que ele diz. Suas ações inconscientes dirão muito mais dele do que seu discurso consciente. No artigo *Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor*, Pedroza (2010, p. 82) menciona as ideias do psicanalista George Mauco que aponta o educar agindo sobre a criança mais no nível inconsciente, não apenas no que ele diz ou pelo que faz, mas, sim, pelo que é. A criança, estando na construção de um Eu, orienta-se pela imagem dos adultos à sua volta

e, portanto, é profundamente atingida pelos desejos inconscientes de seus educadores.

Por outro lado, a psicanálise explica que o professor funciona para o aluno como um substituto das figuras parentais por meio da transferência, “reeditando, no presente, os impulsos e fantasias marcados nos primeiros anos de vida” (Ribeiro, 2014, p. 26). A transferência acontece nas relações estabelecidas durante a vida com todos os seres humanos e ela pode ser compreendida como a reedição de vivências psíquicas que são atualizadas em relação à pessoa do professor. A transferência é um fenômeno constante que aparece em todas as relações humanas, sejam elas amorosas ou profissionais, e não somente entre paciente e terapeuta. A propósito, comenta Ribeiro (2014):

Na escola, portanto, o professor, a exemplo do analista, e independentemente de sua ação, pode despertar afetos no aluno para além daquilo a que ele próprio tem noção conscientemente. O mesmo pode acontecer ao professor, por parte do aluno. Porque esse fenômeno pode se estabelecer nesses dois sentidos – numa via de mão única – (transferência e contratransferência) (Ribeiro, 2014, p. 26).

Freud faz uma menção dessa relação transferencial entre professor e aluno no texto de 1914, intitulado *Reflexões sobre a psicologia do escolar*. Ele escreve que a aquisição de conhecimento é viabilizada pela relação do aluno com o professor e que é difícil saber o que exerce mais influência sobre o aluno, se é o interesse pelas ciências ou a personalidade dos professores. Ele contextualiza, a partir de suas próprias lembranças, a relação com seus professores, demonstrando que a personalidade do professor exerce grande influência na vida do escolar. “Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos” (Freud, 1914, s.p.).

A relação professor-aluno vista pelo ponto da psicanálise está, então, sujeita a determinantes que vão além do que o Eu quer ou pretenda querer. Isso significa que o comportamento de ambos será influenciado por suas questões singulares, que podem aparecer no transcorrer da proximidade dos laços. Não cabe ao professor a função de analista que, munido com a interpretação, faça como na clínica psicanalítica, mas ter o conhecimento desses conceitos coloca-o em outra posição frente à sua subjetividade, a fim de promover um pensar crítico em relação à sua prática.

Os conceitos de inconsciente e transferência são poderosas ferramentas das quais os professores poderiam tirar grande proveito para sua prática, pois o conhecimento acerca do funcionamento psíquico auxiliaria na construção de uma relação com mais possibilidade de neutralidade do lado do professor, assim como possibilitaria maior suporte ao aluno quando ele encontra entraves na relação com o professor. Partindo do conceito de inconsciente e transferência, Freud nos possibilita ampliar a relação para além da que imaginariamente construímos com outras pessoas. O professor pode compreender que não é a sua pessoa que pode gerar conflitos ou entraves no processo de aprendizagem com

algum aluno, mas, sim, vivências que estão para além, que são mais profundas.

Na relação professor-aluno, surgem dois sujeitos assujeitados ao inconsciente e às suas imprevisibilidades e é essa desconstrução que a psicanálise traz para a sociedade, isto é, em outras palavras, ela diz que as relações são truncadas e que não há relação que seja complementar à outra. Não há como um complementar a falta do outro e a relação ser um encaixe perfeito, pelo contrário, é na proximidade da relação que as diferenças surgem e o professor deve estar atento ao imprevisível da ação de educar.

Voltando rapidamente a Freire, em seu livro *Professora sim, tia não*, ele faz uma aproximação muito interessante acerca desse ponto. Vejamos:

O que se pode esperar para a formação dos educandos de uma professora que protesta contra as restrições à sua liberdade por parte da direção da escola mas ao mesmo tempo, cerceia a liberdade dos educandos, afrontosamente? Felizmente, no plano humano, nenhuma explicação mecanicista elucida nada. Não se pode afirmar que os educandos de tal educadora se tornem necessariamente apáticos ou vivam em permanente rebelião. Mas, muito melhor seria para eles se semelhante descompasso entre o que se diz e o que se faz não lhes fosse imposto. E entre o testemunho de dizer e o de fazer, o mais forte é o do fazer porque este tem ou pode ter efeitos imediatos. O pior, porém, para a formação do educando é que, diante da contradição entre fazer e dizer, o educando tende a não acreditar no que a educadora diz. Se, agora, ela afirma algo, ele espera a próxima ação para detectar a próxima contradição. E isso corrói o perfil da educadora que ela mesma vai fazendo de si e revelando aos educandos (Freire, 1997, p. 51).

O encontro aqui entre a psicanálise e a pedagogia freiriana é no reconhecimento de que o ato de educar está muito além da transmissão de conteúdo, ou seja, do reconhecimento de que o professor tem um papel de formador de sujeitos desejanter, pensadores críticos em relação ao mundo à sua volta: “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção” (Freire, 1996, p. 13). Esse lugar guarda ainda proximidades com a posição do analista, tanto em relação ao colocar-se como sujeito suposto saber que suporta e maneja a transferência, como em relação à sua formação permanente. A psicanálise, então, “[...] leva em conta esta relação do sujeito com o saber inconsciente que a transferência põe a descoberto. É por isso que seus efeitos não são só terapêuticos; a análise produz o que chamamos de uma ganância de saber, e para isso aponta primordialmente” (Aparicio, 2016, s.p.).

A posição do analista como semblante de sujeito suposto saber faz com que o tratamento psicanalítico seja estabelecido e, por meio da transferência, a demanda seja metamorfoseada num desejo de saber acerca do inconsciente. O analista, em sua posição ética, sustenta um lugar que permitirá essa virada no trajeto, na qual o desejo de saber conduzirá o analisante.

Freud ainda acrescenta um ponto relevante quando tratamos de pedagogia e psicanálise, descrevendo que governar, educar e analisar são as profissões impossíveis. No texto *Prólogo à juventude abandonada de August Aichhorn* (1925) e posteriormente em

Análise terminável e interminável (1937), Freud menciona que essas profissões representam as diferentes formas de enlaçamento e por isso elas tentam dar contorno ao impossível. As suas ações não garantem um resultado exato, ou seja, que possa ser calculado e, com isso, pode haver frustração quanto à finalidade ou ao êxito. Portanto, o que Freud nos esclarece é que não há uma garantia de sucesso, pois por mais que se prevejam os resultados, eles não acontecem como esperado. De acordo com Pereira (2013),

A educação não se reduz apenas a receitas formatadas, a alguns saberes planejados ou racionalizações de comportamento, mas a um sistema de gestos, valores, proibições, pulsões e subversões que devem ser descritos noutra feixe de relações. Educadores constroem saberes da experiência nas relações do dia a dia, que os levam a superar seus problemas concretos, a tomar decisões efetivas e imediatas, a inventar surpresas no cotidiano diante do desinteresse de alguns, enfim, a agir nas condições de incertezas, sobre as quais a psicanálise parece ter algo a dizer (Pereira, 2013, p.5).

Em relação à formação, tanto a psicanálise quanto a pedagogia freiriana são contundentes em afirmar que o analista e o professor precisam estar à altura de suas práticas, ou seja, a formação é continuada e permanente. Há que se conscientizar da sua condição de inacabado e de sua essência de inconclusão, num permanente movimento de busca (Freire, 1996). A pedagogia freiriana propõe, assim como a psicanálise, um tripé de sustentação para a formação permanente, sendo ele composto do ensinar, do aprender e do pesquisar, num movimento conjunto entre docência, discência e pesquisa.

Daí seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda existente. A do-discência – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (Freire, 1996, p. 16).

Para a psicanálise, a formação do analista giraria em torno do tripé proposto por Freud, que seria análise pessoal, estudo da teoria e supervisão dos casos clínicos.

Pois o que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele a adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos (Freud, 1919, p. 378).

Não estamos afirmando que as indicações quanto à formação do professor e do analista são idênticas, pelo contrário, elas possuem suas especificidades, porém o caráter permanente da formação é análogo. O conceito de inacabado aponta para a desconstrução da posição de mestre que pode surgir no exercício dessas atividades. O mestre, como o detentor do poder absoluto, que subjuga o saber do educando e que é verificado nas práticas pedagógicas de estilo bancário, como indicou Freire, assim como o risco de o

analista supor que sabe acerca de seu analisante, tamponando a possibilidade de uma construção singular acerca da sua história e da sua relação com seu inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tendências pedagógicas discutem sobre diversas teorias filosóficas que compreendem e informam a prática educacional. Elas se dividem em liberais e progressistas, tendo como seu principal representante Paulo Freire. Esse educador e pensador revolucionou a pedagogia com sua proposta horizontalizada, na qual professor e aluno mutuamente participam do processo de docência e de discência, sem que haja sobreposição de hierarquia. Por outro lado, temos Sigmund Freud, que revolucionou o pensamento ocidental com a construção de uma teoria sobre o inconsciente, a qual indica que não temos o controle sobre nossa psique como até então se acreditava.

Partindo dessa premissa, então, levantamos alguns pontos de intersecção entre a pedagogia freiriana e a psicanálise, que podem contribuir para a prática do professor. Conceitos sobre o inconsciente e a transferência são ferramentas poderosas que podem contribuir para a prática do professor e estão muito próximas dos pontos levantados pela pedagogia freiriana. São conceitos distintos, porém que se aproximam até mesmo pela sua originalidade e atualidade.

Na relação professor-aluno, surgem dois sujeitos assujeitados ao inconsciente e suas imprevisibilidades e é essa desconstrução que a psicanálise traz para a sociedade. Em outras palavras, ela diz que as relações são truncadas e que não há relação que seja complementar à outra. Não há como um complementar a falta do outro e a relação ser um encaixe perfeito, pelo contrário, é na proximidade da relação que as diferenças surgem e o professor deve estar atento ao imprevisível da ação de educar.

O ato de educar não é somente repassar conhecimento, como nos aponta a pedagogia freiriana, mas, sim, promover o desejo pelo saber mediante a aproximação entre professor e aluno num movimento de horizontalização das relações. O professor agiria com sua postura de *ser*, naquilo que ele é e que demonstra inconscientemente, assim como o analista promoveria uma metamorfose no analisante, transformando sua demanda, ou seja, seu pedido ou exigência de que o analista diga sobre seu sofrimento, num desejo ganancioso de saber sobre o que lhe aflige. Seria uma transformação da posição de alienação, assujeitado, ao qual eu coloco o outro como responsabilidade sobre mim, num novo posicionamento ético de sujeito, o qual se responsabiliza por suas escolhas e seus caminhos.

Outro ponto de encontro das teorias e que é de suma importância para a prática do professor se refere à formação. Ambas as teorias propõem um tripé que assegure a formação permanente e continuada, partindo do princípio do inacabado do professor e do ingovernável do inconsciente. O tripé, na pedagogia freiriana, articular-se-ia em docência,

discênciã e pesquisa; e, na psicanálise, em análise pessoal, estudo da teoria e supervisão clínica.

A formação permanente sustentaria a necessidade de desconstrução da posição de mestre que pode surgir nessas duas formas de interlocução com o sujeito, o professor e o analista.

REFERÊNCIAS

APARICIO, Sol. A análise é o que se espera de um psicanalista. **Stylus** (*Rio de Janeiro*), (33), 2016, p.67-75. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 out.23

CHIARELLA, Tatiana; BIVANCO-LIMA, Danielle; MOURA, Juliana de Carvalho; MARQUES, Maria Cristina da Costa; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino-Aprendizagem na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 39(3), 2015, p. 418-425. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e02062014>. Acesso em: 05 out.23

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P; FAGUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREUD, Sigmund. (1914-1916). **O inconsciente**. Obras completas, vol.12 / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, Sigmund. (1913-1914). **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar** [Versão digital]. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/category/livros/volume-13/page/2/>. Acesso em 28 fev. 2023.

FREUD, Sigmund. (1917-1920). **Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?** Obras completas, vol. 14 / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1923-1925). **Prólogo a juventude abandonada de August Aichhorn**. Obras completas, vol.16 / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. (1992). Tendências pedagógicas na prática escolar. In: José Carlos Libâneo. **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>. Acesso em 28 fev. 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. (1990). **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ed. Cortez.

MACIEL, Maria Regina. Sobre a relação entre Educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, (9), 2005, p.333-42. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a09.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação**, (30), 2010, p.81-96. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000100007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2023.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Os profissionais do impossível. *Educação & Realidade*, (38),2013, p. 485-499. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a08.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação**, (39), 2014, p.23-30. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2023.

RODRIGUES, Jéssica de Alcântara; ROCHA, Luanna dos Santos; ANJOS, Danielly Santos dos; CAVALCANTE, Leila Pacheco Ferreira; ROZENDO, Célia Alves. (Tendências Pedagógicas: conflitos, desafios e perspectivas de docentes de Enfermagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 37 (3), 2013, p.333-349. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022013000300005>. Acesso em: 28 fev. 2023.